

A música digital é uma abstração consciente! Um diálogo com Sami Douek

Digital music is a conscious abstraction! A dialogue with Sami Douek

Heloísa de A. Duarte Valente

Universidade Paulista- Doutorado em Comunicação e Cultura Midiática

musimid@gmail.com



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3718382357661831>



Orcid: 0000-0002-3250-6722

RESUMO

Sami Douek é engenheiro acústico, especializado na construção de caixas acústicas. De formação humanista, este egípcio de nascimento é um cosmopolita que há vários anos reside na cidade de Santos. Melômano inquieto, está sempre atento aos debates concernentes à escuta musical: da tecnologia à estética. Nesta entrevista, podemos conhecer um pouco sobre o seu trabalho, suas preocupações intelectuais acerca do seu ofício. Sua concepção acerca de conceitos como “musicofilia”, “audiofilia”.

PALAVRAS-CHAVE:

Musicofilia. Audiofilia. Escuta.

ABSTRACT

Sami Douek is an acoustic engineer, specializing in the construction of loudspeakers. With a humanistic background, this Egyptian by birth is a cosmopolitan who for several years resides in the city of Santos. He is always attentive to debates concerning musical listening: from technology to aesthetics. In this interview, we can learn a little about his work, his intellectual concerns about his work. His conception of concepts such as "musicophilia", "audiophilia".

KEYWORDS: Musicophilia. Audiophilia. Listening.



Sami Douek me foi apresentado por Milton Pellegrini, como alguém que conhecia muito de som e que morava em Santos. Logo me deparei com uma pessoa inquieta ante o mundo que vive e altamente perfeccionista na sua profissão. Passado um tempo, convidei-o para participar como pesquisador colaborador do MusiMid; Sempre passando informações valiosas sobre as atitudes de escutar música e como foi gerado o produto que nos chega registrado em discos. A entrevista que segue retoma muitas das inquietações compartilhadas em conversas com os pesquisadores do Grupo, ao longo de alguns anos.

H.V.: Você é cidadão cosmopolita e vive há vários anos no Brasil. Conte-nos um pouco da sua história de vida; sua formação intelectual, sua chegada ao Brasil.

S.D.: Cheguei pela primeira vez ao Brasil em abril de 1962, vindo de Genebra com meus pais no aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, onde o sol brilhava como jamais tinha visto no hemisfério norte. A família se separou cada qual para se estabelecer e construir uma nova vida como imigrantes e cada qual, especialmente os mais jovens, a continuar seus estudos em escolas de língua francesa mesmo no Brasil. Meus pais me inscreveram no Lycée Pasteur, na Rua Vergueiro, em São Paulo, para dar sequência aos meus estudos sempre em escolas francesas!- até o *Baccalauréat*. O meu apreço pela música e aparelhos sonoros vem desde a infância e me acompanha em qualquer território, aprendi português

na rua e me reconheço nômade desde o final dos anos 1960 quando, em outra vez, convivi com a separação dos meus irmãos e quando fiz várias viagens à Suécia, o que me permitiu um outro “olhar” sobre o Brasil durante a triste época da ditadura militar. Isso me comoveu e me sensibilizou em relação ao povo e cultura (sofrida) do Brasil.

H.V.: Como e quando resolveu estudar engenharia de áudio?

S.D.: Comecei muito cedo e determinado a estudar sempre; e também a buscar atualizações após fazer um curso de iniciação e especialização em projetos de circuitos eletrônicos nos primórdios do avanço dos circuitos integrados (média escala) incluindo eletrônica digital, antes da chegada dos processadores digitais. Isso foi desde 1970 até 1985. Engenharia de áudio foi uma paixão que me aproximou dos professores do “Liceu Eduardo Prado”, que frequentei como ouvinte. Foi exatamente nesta época, em 1969, que percebi que o Brasil ia avançar em áudio na criação da empresa Gradiente, onde fiz meu primeiro estágio antes de ser contratado por uma subsidiária da ERICSSON AB, abrindo as portas da eletrônica digital no Brasil. Desde então o áudio foi um *hobby* levado à sério até 1991, quando decidi deixar o Brasil por desgosto com as diretrizes do governo Collor, que inviabilizou meus investimentos na fabricação de *desktops* com engenharia brasileira e de processadores de texto. Abandonei a fabricação de computadores (*desktops*) em 1993 e desisti de deixar o Brasil buscando um novo rumo. Foi o começo dos estudos em conversores AD/DA e materiais utilizados na fabricação de alto-falantes.

H.V.: Como construtor de caixas acústicas, você tem uma carreira de sucesso. O que faz com que esses equipamentos sejam tão diferenciados?

S.D.: Os equipamentos de som são “máquinas sedutoras” desde o final do século 19 e para sempre, e isto me acompanha desde a infância. Sempre tenho em mente que o saber não “se compra” e deste princípio, a busca de componentes adequados implica na essência da musicalidade não apenas de um instrumento musical, mas também de um sistema de áudio com um mínimo de coerência. Brasil e França fizeram o meu território em busca de materiais e de processos de fabricação de alto falantes e equipamentos de áudio. Este “saber fazer” também implica em “saber contar”, saber explicar como as coisas aconteceram. Com o passar do tempo tive uma meta bem clara a partir da musicalidade e do timbre de instrumentos de corda e percussão. Busquei a reprodução correta das nuances do piano sendo um grande desafio. No final dos anos 1990 conheci a pianista brasileira Yara Bernette com quem tive muitas conversas sobre obras, intérpretes e instrumentos musicais. Yara me contou sobre as obras

de Rachmaninoff e da sua casa em São Paulo. no Brooklin, ouvia com atenção o seu dedilhar virtuoso sobre um piano Steinway de cauda. Foram momentos inesquecíveis que me deram rumo ao desenvolvimento dos trabalhos técnicos.

Na minha adolescência e juventude em Paris, frequentava lojas de discos antes das grandes redes iniciadas por FNAC e Gibert Jeune, as lojas de discos eram “becos” em galerias ou até mesmo em ruelas do *Quartier*. Eu me lembro de um dia ouvir o som de um piano (vindo de uma loja de discos) com uma presença incrível, e fui me aproximando da loja como quem se aproxima de um santuário, um templo. Tocava um sistema de áudio com caixas acústicas francesas da marca Cabasse, e pensei que isto não era para mim ou para meu bolso. Não restava dúvidas. Eram “elevações” espirituais que me remetiam a esta magia da música reproduzida “comme il faut”.

H.V.: Você certa vez falou que não existe música digital; que tudo, no fim, é analógico. Poderia nos explicar melhor? Lembro também do episódio em que você fala sobre uma vitrola portátil, que não pôde adquirir e, quando encontrou uma, mesmo quebrada, resolveu comprá-la e consertá-la. Qual a relação entre “som”; mais especificamente, a sonoridade do aparelho com a escuta e memórias afetivas? Como isso se dá, tecnicamente falando?

S.D.: Tinha 16 anos quando numa vitrine vi uma vitrola Philips com design moderno, transistorizado e com estilo bastante marcante e inovador. O *design* da vitrola era notoriamente mais avançado do que o de seu concorrente Teppaz, ainda líder do mercado na França. Fui buscar em casa um adiantamento de algumas mesadas para comprar a vitrola “objeto de desejo” quando recebi um sonoro “não” ... Anos depois, na Rua França Pinto, na Vila Mariana, em São Paulo, estava na busca de móveis antigos, anos 1950 (auge do bom *design* de móveis no Brasil), Quase 40 anos depois encontrei num canto a mesma vitrola Philips, objeto de desejo dos meus 16 anos de idade! Eu a abracei como se fosse uma criança perdida, e levei a minha “criança cantante” que estava então muda e no ostracismo. Foi um processo prazeroso e demorado de recuperação da vitrola até começar a girar o prato, sobre o qual coloquei um compacto simples de Eddie Calvert, meu primeiro disco em 45 rpm, antes de Dalida e Perez Pardo, sucessos dos anos 1950-60. Estava sozinho em casa quando a vitrola tocou suas primeiras notas e me fez derramar lágrimas de criança aos meus 40 anos... Eis então o momento de reconhecer que não há fidelidade a não ser com as nossas próprias referências escolhidas por um processo cerebral e não por especificações técnicas. Aos meus 40 anos já possuía equipamentos de áudio bons, muito caros, mão não perto do coração, nem dos meus afetos.

H.V.: Existe a alta-fidelidade, que é quase um mito tecnológico. Certa vez você nos mostrou uma diferenciação entre a resposta de caixas acústicas. Um mesmo disco soava muito diferente, de acordo com as caixas selecionadas.

S.D.: Muito bem lembrado! O conceito que foi uma interpretação auspiciosa do meu amigo Claudio Prado (entre outros foi empresário dos Mutantes com Rogério Duprat. Já estava em 1999 com uma caixa acústica utilizando um diafragma feito com material rígido, prensado e com espessura variável (Rohacell); um produto com custo elevado e com uma grande precisão na resposta a transientes. Este modelo desempenhava muito bem na reprodução de certa complexidade musical como as obras de Berlioz ou de Rimsky-Korsakov. Na sequência deste projeto, muito bem recebido pelos críticos, tive o desejo de utilizar materiais de custo mais baixo, mas com reputação de boa musicalidade mesmo quando muito solicitados mecanicamente. Quis, de fato, experimentar e dominar a tecnologia dos materiais após a "fadiga" ou na distorção (de fato) harmônica. O resultado do estudo atendeu plenamente as expectativas com musicalidade doce e extremamente harmoniosa. Durante os ensaios finais no meu laboratório, convidei Claudio Prado para uma audição meses depois do lançamento do modelo precedente. Ao perguntar sobre as suas primeiras impressões ele se manifestou: "Agora Sami você fez uma caixa acústica feminina!". Foi um achado (*une trouvaille*). Como aplicar o conceito de alta-fidelidade? Já que sabemos que a fidelidade não se aplica a reproduções repetitivas. Que tal a expressão "alta-musicalidade"?

H.V.: Existem pessoas que também formam um grupo meio oculto, mas não pouco numeroso: o dos audiófilos. Quem são essas pessoas: bons ouvintes, com "audição clara", como diria Murray Schafer, ou técnicos, em sua maioria?

S.D.: Em sua maioria o ouvinte dito "audiófilo" está eternamente na busca de uma experiência auditiva renovada e em pequenas doses; os audiófilos definitivamente não são técnicos, mas são apreciadores na busca de parâmetros ou de referências absolutas, o que não me agrada. A revista (que também aprecio) que faz, e publica testes de equipamentos de áudio de qualidade e custo elevados, se chama Absolute Sound; e isto determina em boa parte uma certa incoerência com o tema. A audição clara não é determinante, pois basta revisitar Beethoven (exagerando um pouco). Fico me perguntando: onde fica a sensibilidade e a poesia?

Tive experiências surreais com “audiófilos” que ostentam medições como seus ouvidos ditos “absolutos”. Jamais entendi e não desejo entender, o cérebro de um audiófilo que sofre na busca de parâmetros técnicos em confrontação com o prazer de ouvir música. Sensibiliza-me muito mais a surdez de Beethoven e de seus eventuais apreciadores com idade avançada e surdez notória, ou com certas demências naturais dos seres humanos idosos (ou não tanto) e demasiadamente humanos e sensíveis.

H.V.: Ainda sobre a audiofilia, você destaca que o som equalizado pelas gravadoras não representa o que corresponderia ao som ao vivo. A representação se tornou “melhor” que o original?

S.D.: Sim, é sempre possível “temperar” o som ao vivo já que a captura do som é quase sempre feita por uma multiplicidade de microfones plugados numa mesa de som. Há um grande saber por parte dos editores e técnicos, sendo que alguns seguem partituras ao fazer ajustes e mixagem. O som equalizado pelas gravadoras (quero destacar a Deutsche Grammophon) trabalha com orientação técnica nas características ponderadas por uma cadeia de equipamentos de áudio de qualidade satisfatória não forçosamente os melhores em desempenho. Isto cria uma expectativa justa no resultado final das mixagens e equalizações. Não morro de amores, mas gosto do selo Deutsche Grammophon.

H.V.: Sophie Maïsonneuve desenvolveu estudos interessantes, em que aponta a presença da musicofilia já na década de 1920. Havia seções em jornais, em que consumidores de discos debatiam sobre o tipo de agulha mais adequado para cada gênero musical. Na sua opinião, existe hoje uma maneira mais adequada de ouvir determinados gêneros musicais?

S.D.: É verdade sim e é uma pena que o streaming quase impossibilita variações na leitura das informações sonoras apesar de beirar a excelência sempre em função da plataforma e da assinatura contratada. Os preços mensais e em função da resolução de áudio podem variar de uma dezena de Euros até uma centena de Euros para o mesmo conteúdo e catálogo. Já na leitura de CDs, DVDs e vinil as possibilidades de recuperação SEMPRE de maior qualidade são possíveis desde que se considere investimentos em equipamentos e acessórios que podem chegar facilmente a dezenas de milhares de Euros. A maneira mais adequada de montar um sistema de áudio está na escolha de diferentes configurações para Jazz, Rock e Música Clássica desde um duo até uma sinfônica de mais de sessenta músicos. Eu recomendo sem medo de que a escolha do gênero Jazz e vozes faça o melhor custo-benefício de um sistema de áudio musicalmente respeitável e coerente.

H.V.: Em que condições um musicófilo prefere escutar música ao vivo, ou pelos alto-falantes (de boa qualidade), ao invés de ao vivo?

S.D.: Somente quando o intérprete preferido está morto é que é melhor para o musicófilo sensato ouvir pelos alto-falantes. Mesmo desafinando ou embriagado, a experiência da música interpretada ao vivo está acima de qualquer engenhoca...

H.V.: Quais os seus gêneros/ artistas/ compositores preferidos?

S.D.: Os gêneros preferidos são de função cultural e territorial. Desde os cantos do Alcorão por um Imam talentoso até a voz rouca de Tom Waits ou do cantor belga Arno me agradam de sobremaneira. O importante está na poesia e na interpretação que vem do espírito do intérprete. Um certo senso de humor e sarcasmo também me agrada. Para citar um paulistano charmosamente italiano devo me referir ao Adoniran Barbosa. Do Egito, a diva Om Kalsoum, do Líbano Ibrahim Maalouf e de Israel Avishai Cohen e todos estes artistas são compositores com exceção de Om kalsoum (que prefere sempre gravações ao vivo) e do Imam (não citado). Este último interpreta trechos do Alcorão.

H.V.: O que o mundo dos alto-falantes ainda não inventou e que você desejaria que fosse criado?

S.D.: Um sistema de áudio conectado e administrado pelo artista. Simplificando um assunto complexo, posso determinar que uma gaita não precisa do volume de um transdutor (caixa acústica) tal como um contrabaixo. Este conceito foi apresentado em novembro de 2015 no evento Musimorphoses¹ em Paris, no qual participamos juntos. Uma multiplicidade (ou não) de transdutores (alto-falantes com caixas acústicas bem calibradas de diversas formas e materiais) para reproduzir gravações monitoradas ou credenciadas pelo artista "conectado" sob aspectos técnicos e musicais.

H.V.: Um cidadão do mundo, que conhece as maiores e mais importantes capitais. Por que decidiu morar em Santos?

S.D.: O que em Santos me seduz é o mar, a orla que não tive em Paris, Londres ou Genebra (evidentemente). Rio de Janeiro foi a mais bela cidade do mundo seguida por Paris e Estocolmo. A

¹ Evento realizado em Paris, entre 11 e 13 de novembro de 2015. O grupo de pesquisa é liderado por Philippe Le Guern. Gravações do evento estão disponíveis na plataforma YouTube. Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=l8cpg8amn5o&ab_channel=CRAL-CentredeRecherchessurlesartsetlelangage

mobilidade sempre tive e sempre terei, mas preciso confessar que somente na França me sinto em casa e sem sotaque. Mas não é uma escolha fácil para quem se conhece nômade.

H.V.: Como você se autodefine? Como você prefere ser conhecido?

S.D.: Gosto da citação de George Bernard Shaw que diz: “O homem sensato se adapta ao mundo; o insensato insiste em adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato”. Nos meus sonhos e delírios sou insensato e ao despertar sou comportado. Prefiro ser conhecido como um “outsider” e me sinto bem indo e vindo entre a sensatez e a insensatez criativa desde a minha infância.

Santos 12 de setembro de 2023

Referências

- Maisonneuve, S. 2021. “Viva a sua música! A música como experiência. Uma análise pragmática e sociotécnica da invenção de ouvir música gravada”. *MusiMid: Revista Brasileira De Estudos Em Música E Mídia*, 2 (2), <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/51>, p. 11–25.
- Schafer, R. M. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.
- Musimorphoses. <https://musimorphe.hypotheses.org/>